

**Os Clíticos Pronominais em Construções Relativas Restritivas no Português  
Escrito em Moçambique**

**The Pronominal Clitics in Restrictive Relative Constructions in Portuguese  
Written in Mozambique**

Francisco Wache  
Universidade Pungue

**Resumo:** A partir da constatação de Gonçalves (1996), Mapasse (2005), César (2014) e Wache (2018), a qual refere que, no Português de Moçambique (PM), há tendência, em construções de relativização, para o alojamento de clítico pronominal na posição enclítica, procura-se, neste artigo, explorar os contextos da ocorrência da próclise e da ênclise em construções relativas restritivas, em complexos verbais e em estruturas simples, no PM. Foi usado o *corpus* de Wache (2023), o qual é composto por 815 frases relativas, das quais 112 ocorrem com pronomes clíticos. A análise de dados quantitativos foi feita com auxílio de uma folha excel que continha variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas. Os resultados revelam que tanto em frases simples como em complexos verbais, a próclise é predominante no PM, o que demonstra a conservação do Português europeu (PE) culto. A ênclise no PM não é totalmente estranha ao PE tanto em estruturas simples como em complexos verbais, já que ocorre em contextos similares. Os dados em nossa posse indicam que não há evidências plausíveis que demonstrem que a ênclise, em construções de relativização, tende a ser o padrão nesta variedade em formação.

**Palavras-chave:** próclise e ênclise, orações relativas restritivas, PM

**Abstract:** From the finding of Gonçalves (1996), Mapasse (2005), César (2014) and Wache (2018), which states that, in Mozambican Portuguese (PM), there is a tendency, in relativization constructions, for the accommodation of a pronominal clitic in the enclitic position, this article seeks to explore the contexts in which the proclisis and the enclisis occur in restrictive relative constructions, in verbal complexes and in simple structures, in PM. Wache's corpus (2023) was used, which is composed of 815 relative sentences, of which 112 occur with clitic pronouns. Quantitative data analysis was performed using an excel sheet containing independent linguistic and extralinguistic variables. The results reveal that both in simple sentences and in complex verbs, proclisis is predominant in PM, which demonstrates the conservation of cultured European Portuguese (EP). The enclisis in PM is not entirely foreign to EP in both simple and complex verbal structures, as it occurs in similar contexts. The data in our possession indicate that there is no plausible evidence that the enclisis, in relativization constructions, tends to be the pattern in this forming variety.

**Keywords:** proclisis and enclisis, restrictive relative clauses, PM

**Recebido em 11 de fevereiro de 2024.**

**Aprovado em 22 de julho de 2024.**

## Introdução

Os estudos de Gonçalves (1996), Mapasse (2005), César (2014) e Wache (2018) ilustram, por exemplo, que, no PM, há tendência para o alojamento dos clíticos pronominais, em construções de relativização, na posição enclítica, o que, na prática, marca um distanciamento desta variedade em construção em relação ao PE que, malgrado, continua a ser o padrão do Português em uso em Moçambique. Para sustentar esta posição, os autores usam exemplos como os que se seguem em (1):

(1)

- a. Há pessoas que opõem-se contra a religião (Gonçalves, 1996, p. 317)
- b. ... de individualidade que opõem-se a este tipo de ... (T155 L11 1a RE M32), Mapasse (2005, p.70)
- c. onde as assistências caracterizam-se durante dois dias (Wache, 2018)
- d. o feto que estima-se sejam realizados anualmente RI/UPN/335/46 (César, 2014, p.64)

Os exemplos em (1) ilustram que o clítico se hospeda no verbo *opor-se* em (1a, b), no verbo *caracterizar* em (1c) e no verbo *estimar* em (1d). Em todas as construções em (1), antes do verbo, ocorrem morfemas\_Q (*que* (1a,b e c) e *onde* (1d)), que, por via de regra, possuem propriedades de desencadear a próclise, no PE. É interessante notar que em (1), a ênclise ocorre em estruturas com um verbo. Refira-se que em estudos diacrónicos da língua portuguesa (cf. (Ribeiro, 1995, 2010), Martins (1994), Barbosa (2011)) a ênclise, em estruturas que possuem proclisadores, sempre foi atestada.

Vigário & Frota (1998) explicam que a ênclise, em construções de subordinação, ocorre sempre que houver um elemento pesado, ou uma parentética, ou um tópico, entre o proclisador e o pronome clítico. Estas condições colocadas por estes autores não se verificam nas construções em (1), o que pode significar que exista uma outra regra que governa a colocação de clíticos neste tipo frases.

Assim, no presente artigo, procuraremos explorar os contextos da ocorrência da próclise e da ênclise em construções relativas restritivas, em complexos verbais e em estruturas simples, no PM, a fim de:

- (i) Determinar a regra que atua em contextos em que ocorre a ênclise em construções subordinadas relativas restritivas;

- (ii) verificar se, de fato, a ênclise, em construções relativas restritivas, configura-se como sendo a posição predominante no PM ao ponto de poder constituir o padrão neste tipo de construções;
- (iii) indicar as principais funções sintáticas associadas aos clíticos pronominais nesta variedade do Português, em construções relativas restritivas;
- (iv) descrever os principais padrões de seleção e colocação de clíticos pronominais disponíveis no PM em construções relativas restritivas.

Organizamos o presente artigo, para além desta introdução, da seguinte forma: em (1) temos os fundamentos teóricos relativos à colocação dos clíticos pronominais, nomeadamente as regras básicas de colocação dos clíticos pronominais no PM. Seguidamente, em (2), descrevemos como foi feito o estudo e em (3) fazemos a apresentação, análise e discussão dos dados. Depois, em (4), temos a conclusão e em (5) colocamos as referências bibliográficas.

## **1. Os clíticos pronominais no Português**

### **1.1. Introdução**

Nesta seção, discutimos a noção de clíticos pronominais do Português, dando ênfase ao fato de estas partículas estarem associadas a verbos quer em estruturas simples quer em complexos verbais. Procuramos igualmente descrever os principais padrões de colocação de clíticos pronominais disponíveis no Português, nomeadamente a próclise e a ênclise, recorrendo, entre outros, a autores como Martins (1994), (2013), Barbosa (2011), Ribeiro (1995), (2010), Mateus et al. (2003).

### **1.2. Os clíticos pronominais**

Os clíticos pronominais, em Português, pertencem a um grupo restrito de palavras que não possui acento próprio, daí que funcionam como ‘parasitas’, uma vez que sempre precisam de um hospedeiro que tem sido, neste caso, um verbo geralmente de dois ou três lugares. É importante referir que os clíticos são, na sua essência, pronomes pessoais que assumem geralmente a posição de argumentos interno dos verbos.

No PE, os clíticos pronominais nunca ocupam a posição absoluta inicial. Esta forte restrição fica a dever-se à lei de *Tobler-Mussafia*, a qual governa o processo de colocação

dos pronomes clíticos do Português. Benincà (1995) formula esta restrição da seguinte forma:

(2)

- a) \* # clitic-verb
- b) # (X Y) Verb-clitic

Nas palavras de Ribeiro (2010), a restrição em (2a) estabelece, para algumas línguas como o PE, a interdição de clíticos na posição inicial absoluta da frase, (cf.3a). Já a restrição em (2b) indica que a possibilidade de colocação enclítica de pronomes estar condicionada ao tipo de constituinte que antecede o verbo (cf. 3b,c)

(3)

- a. \*Me fala, em que cidade vives.
- b. Não te digo nada sobre a minha vida particular.
- c. Informaram-me que reprovaste de classe.

Em termos de projeção de CP, Ribeiro (2010, p. 22) revela que "as análises sobre colocação de clítico que assumem uma projeção de CP singular procuram derivar a ênclise em sentenças raízes como resultante do movimento do verbo flexionado para o núcleo C, o pronome clítico permanecendo no núcleo I de IP", como se ilustra em (4):

(4)

- a. XP<sub>tópico</sub> [CP [C entregou ] [IP lhe tv o livro ...]]
- b. XP<sub>tópico</sub> [CP YP<sub>foco</sub> [C lhe+entregou ] [IP t<sub>CL+V</sub> o livro...]]

Na sequência, a autora explica que as diferenças entre (4a) e (4b) residem na forma de realização do spec/CP: "vazio no caso da ênclise; preenchido por um constituinte com leitura de foco, no caso da próclise." Ribeiro (2010, p. 22)

Nas estruturas em (4), compreende-se que, em princípio, os tópicos externos a CP não interferem na realização da ênclise ou da próclise, fato que elucida que a próclise é a realização esperada em construções de subordinação:

(5). ... disse [<sub>CP</sub> [c que ] [<sub>IP</sub> lhe entregou o livro ...]]

O núcleo C já está realizado pelo complementador *que*, não permitindo, assim, o movimento do verbo para esta posição. Medeiros (2018, p. 61), socorrendo-se em Ribeiro (1995), refere que em termos estruturais, "nas orações matrizes com o fronteamento de objetos e outros constituintes não sujeito, o verbo se move para C e o movimento é acompanhado pelo deslocamento desses constituintes para [Spec, CP]".

A tabela 1, que se segue, ilustra a distribuição dos pronomes clíticos, tendo em conta os Casos que recebem em Português.

**Quadro 1: Formas átonas do pronome pessoal**

	acusativo	dativo
1. <sup>a</sup> singular	me	me
2. <sup>a</sup> singular	te	te
3. <sup>a</sup> singular	o/a/se	lhe/se
1. <sup>a</sup> plural	nos	nos
2. <sup>a</sup> plural	vos	vos
3. <sup>a</sup> plural	os/as/se	lhes/se

Como se pode depreender, estes pronomes dividem-se geralmente em dois grupos fundamentais, nomeadamente aqueles que recebem o Caso acusativo e aqueles que recebem o Caso dativo. Os pronomes pessoais que recebem o Caso acusativo são: *me*, *nos*, *te*, *vos*, *a*, *o*, *se*, *os* e *as* e os que recebem o Caso dativo são: *me*, *nos*, *te*, *vos*, *lhe* e *lhes*.

Barbosa (2011, p.55) explica que

os pronomes clíticos da família linguística românica podem preceder ou seguir o verbo ocupando, respectivamente, uma posição proclítica ou enclítica. Segundo os critérios que determinam essa posição podemos distinguir dois tipos de sistemas de línguas: a) aqueles em que a posição dos clíticos pronominais varia em função das propriedades da flexão verbal; b) aqueles em que a posição dos clíticos pronominais é condicionada por fatores contextuais, i.e., não depende exclusivamente das propriedades da flexão verbal. No primeiro caso situam-se o espanhol, o italiano, o catalão e o francês, em que a distribuição enclítica ou proclítica dos clíticos pronominais depende da forma verbal. Se a forma verbal é finita, os clíticos pronominais ocupam a posição proclítica ao verbo (6). Nas construções com formas verbais não finitas, a posição do clítico varia com a língua: em espanhol/italiano/catalão, a ênclise ocorre com as formas verbais do infinitivo, gerúndio e imperativo afirmativo (veja-se os exemplos do espanhol em (7)). Em francês, pelo contrário, os clíticos colocam-se procliticamente ao infinitivo (cf. 8a) e ao gerúndio (cf. 8b); a ênclise observa-se só com as formas afirmativas do imperativo (cf. 8c).

(6)

- a. Maria *la* compró. [Espanhol<sup>1</sup>]
- b. Martine *le* lit. [Francês]
- c. Martina *lo* legge.

(7)

- a. No pensarás *comprartelo*. [Espanhol]
- b. Termine *dandoselo* a ella.
- c. *Cómpralo* .

(8)

- a. Martine veut *lui* parler. [Francês]
- b. En *le* lisant, il fut facile de décider.
- c. Lis-*le* !

No segundo caso, situa-se o PE, uma língua que exhibe a alternância entre os dois padrões (enclítico (cf.9a) e proclítico (cf.9b)).

(9)

- a. O Wanga entregou-*me* um livro. (ênclise)
- b. A Tsakany não *me* deu as flores. (próclise)

A ênclise, em Português, é o principal padrão de colocação de clíticos pronominais. Martins (1994), (2013) entende que em frases afirmativas, as quais podem ser declarativas, imperativas, exclamativas ou interrogativas globais quer em frases com um verbo quer em complexos verbais, ocorre a ênclise, como se nota em (10).

(10)

- a. As aventuras humilharam-*no*, estava farto . [declarativa]<sup>2</sup>
- b. E tu despacha-*te*, criadita. [imperativa]
- c. Você saiu-*me* um belo vigarista! [exclamativa]
- d. O Engenheiro disse-*lhe* onde estava a viver? [interrogativa]

---

<sup>1</sup> Os exemplos desta parte do trabalho são de Barbosa (2011) e a enumeração é nossa.

<sup>2</sup> Os exemplos são de Martins (2013)

A próclise só é possível em condições em que ocorrem (i). os advérbios de negação (cf. 11a); (ii). as orações afirmativas que são introduzidas por quantificadores (cf.11b); (iii). advérbios *focalizadores exclusivos* (*apenas, só, somente, logo, antes*) e inclusivos (*também, até, mesmo*), aspectuais (*já, ainda, quase, mal*) e os de modalidade (*talvez*) (cf.11c); (iv). advérbios *ênfatizadores* (*bem, lá, até, logo, sempre, já*), quando *bem* não tem o valor de modo, *até* e *já* não se comportam como *focalizadores*, *logo* e *sempre* apresentam-se sem o conteúdo temporal e *lá* aparece esvaziada do conteúdo temporal, (cf.11d); (v). advérbios *focalizados* (*rapidamente, depois, agora, ultimamente, certamente, decerto, assim<sup>3</sup>, melhor, pior, cedo*) (cf.11e); (vi). orações introduzidas pelos pronomes e advérbios interrogativos *que, quem, onde, como, quando, porque e quando* e em orações *exclamativas* introduzidas pelos morfemas *que, quem, como, quanto* (cf.11f); (vii). orações imperativas introduzidas pelo morfema *que* e também em orações *optativas*, ainda que a conjunção *que* esteja omitida) (cf.11g); (viii). as orações subordinadas finitas (cf.11h).

(11)

- a. Nada *me* preocupa nesta vida.
- b. Alguém *me disse* que és malandro.
- c. Apenas *te* disse que não gosto de ti.
- d. Já a conversa *te* desagrada, não é?
- e. Rapidamente o João *te* perguntou do sucedido.
- f. Quem *te* disse isso?
- g. Que Deus *te* valha!
- h. Os meninos que *te* mencionaram no referido processo não estão aqui.

Repare-se, por fim, que as orações *infinitivas* simples introduzidas por *preposição*, admitem quer a colocação enclítica, quer a colocação proclítica. Fogem a esta regra as construções com as preposições *a* e *com*, que sempre admitem a ênclise.

(12)

---

<sup>3</sup> O advérbio de modo *assim*, que introduz próclise, deve distinguir-se do advérbio conectivo (conclusivo) interpretado de *por isso, portanto*.

- a. Temos *de* dar-lhe um livro.
- b. Teria *de* saber se ele saldou ou não a dívida.
- c. Não ficámos nada contentes *com* reprová-lo<sup>4</sup>.

Em complexos verbais, o pronome clítico ocorre na *posição proclítica*, se na frase houver um proclisador. Caso não haja, o pronome clítico pode ocorrer na posição *enclítica*, em qualquer um dos verbos que compõem o complexo verbal, como em (13).

(13)

- a. Não posso entrar? *Devo poder ir dar-lhe* um beijo, pelo menos.
- b. Não posso entrar? *Devo poder ir-lhe dar* um beijo, pelo menos.
- c. Não posso entrar? *Devo poder-lhe ir dar* um beijo, pelo menos.
- d. Não posso entrar? *Devo-lhe poder ir dar* um beijo, pelo menos.

Depois desta breve descrição relativa aos contextos da ocorrência da próclise e da ênclise no PE contemporâneo, passamos, em (2), a explicar como foi feito o presente estudo.

## 2. Descrição e estrutura do corpus

O objetivo deste artigo, como se disse, é explorar os contextos da ocorrência da próclise e da ênclise em construções relativas restritivas, em complexos verbais e em estruturas simples, no PM. O *corpus* é constituído por 81 000 palavras, organizado por Wache (2023). Nesse trabalho, referimos que cerca de 31 000 palavras foram recolhidas em 2002–2003, em alunos do 1.º ano, e cerca de 27 000 palavras foram produzidas por informantes do 3.º ano e estão disponíveis na cátedra do Português de Moçambique. As restantes palavras foram produzidas por 60 estudantes do 1.º ano da Universidade Púnguè (17 000), alunos da 8.ª classe (1 848) e alunos da 12.ª classe (4 152). Referimos ainda que esse *corpus* gerou 815 orações relativas restritivas, envolvendo os morfemas *que, onde, quem, cujo*. É a partir desse *corpus* que foram extraídas 112 orações relativas que ocorrem com clíticos pronominais, os quais são objeto de estudo neste artigo.

---

<sup>4</sup> O exemplo é de Martins (2013)

Quanto à idade, os informantes tinham entre 14 e 70 anos e comportavam 4 faixas. A faixa 1 corresponde a informantes com idades compreendidas entre 14 e 20 anos; a faixa 2, a indivíduos com idades entre 21 e 30 anos; a faixa 3 inclui informantes entre 31 e 50 anos e faixa 4, entre 51 e 70 anos

No que se refere à variável escolaridade, foram contemplados quatro níveis: nível A, de alunos da 8.<sup>a</sup> classe, nível B, de alunos da 12.<sup>a</sup> classe, nível C de alunos de 1.<sup>o</sup> ano da Universidade e nível D de alunos do 3.<sup>o</sup> ano da Universidade. Apesar dessa estratificação, devido a natureza do trabalho, não iremos controlar estas variáveis extralinguísticas.

No que se refere a línguas faladas pelos informantes, a tabela que se segue, extraída em Wache (2023), ilustra a distribuição das primeiras línguas dos informantes.

**Tabela 1: Primeiras línguas dos informantes**

<b>Escolaridade</b>	<b>L. bantu</b>	<b>%</b>	<b>L. bantu e port.</b>	<b>%</b>	<b>L. port.</b>	<b>%</b>
<b>A</b>	23	19,1%	88	73,3%	9	7,5%
<b>B</b>	16	13,3%	92	76,6%	12	10%
<b>C</b>	39	32,5%	35	29,1%	46	38,3%
<b>D</b>	79	65,8%	16	13,3%	25	20,8%

De uma forma geral, nota-se que os informantes, na sua maioria, dominam, como língua primeira, dois sistemas linguísticos, nomeadamente o Português e uma língua de origem bantu falada em Moçambique. Segundo os informantes, o Português é geralmente usado em contextos escolares e burocráticos e as línguas da família bantu são usadas em contextos familiares e menos formais. Este fato levou-nos a pensar que há, nestes informantes, sinais de emergência de diglossia, uma vez que os dois sistemas não são usados em mesmos contextos.

Na recolha de dados dos alunos da 8.<sup>a</sup> e da 12.<sup>a</sup> classes, foi-lhes pedido que produzissem composições escritas, as quais deviam ter entre 150 a 350 palavras, na sala de aulas. Foram recolhidos destes informantes 480 textos escritos, sendo que no que diz respeito aos de Nível A, B e parte dos do Nível C a recolha ocorreu nas respectivas escolas e na Universidade Púnguè. Já os textos da outra parte dos informantes do Nível C e do Nível D foram recolhidos na cátedra do Português Língua Segunda, dirigida por Perpétua Gonçalves. Cada grupo forneceu um conjunto de 120 textos. Para além de produção

textual, aos informantes foi-lhes fornecido uma ficha que visava captar os dados sociolinguísticos.

Seguidamente usamos a folha de excel para codificar as entradas em função de um conjunto de variáveis independentes linguísticas, nomeadamente (i).forma de clítico (se, me, lhe o, os, a, as, nos, vos, te); (ii). função sintática do clítico pronominal (OD, OI) e (iii). tipologia do verbo que aloja o clítico pronominal (dois ou três lugares). Já dissemos que as variáveis extralinguísticas não foram levadas em conta neste trabalho.

### 3. Apresentação, análise e discussão dos dados

#### 3.1. Introdução

Esta subsecção dedica-se à discussão dos dados empíricos. Começaremos por tratar dos dados globais do trabalho, procurando mostrar a distribuição das entradas em complexos verbais e em estruturas simples, em (3.2). Depois, trataremos de funções sintáticas do morfema relativo e o tipo de clítico pronominal, em (3.3). Na sequência, analisaremos as funções sintáticas dos pronomes clíticos, em (3.4) e a colocação de clíticos pronominais em complexos verbais, em (3.5.). Por fim, em (3.6), trataremos da colocação de clíticos pronominais relativas restritivas em estruturas simples.

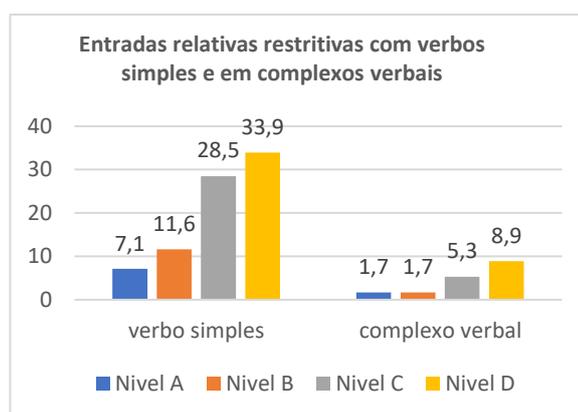
#### 3.2. Entradas globais

Foram atestadas 112 ocorrências de construções relativas restritivas com pronome clítico, das quais 20 (17.8%) ocorrem em complexos verbais e as restantes 92 (82.1%) estão alojadas em estruturas simples, como se pode depreender na tabela 2, que se segue:

**Tabela 2: Entradas gerais em relativas com verbo simples e em complexos verbais**

Escolaridade	Verbos simples		Complexos verbais		TOTAL
	n	%	n	%	
<b>A</b>	9	7.1	2	1.7	11
<b>B</b>	13	11.6	2	1.7	15
<b>C</b>	32	28.5	6	5.3	38
<b>D</b>	38	33.9	10	8.9	48
<b>TOTAL</b>	92	82.1	20	17.8	112

A tabela 2 ilustra que a frequência de entradas de clíticos pronominais quer em complexos verbais quer em estruturas com um verbo aumenta à medida que o nível de escolaridade aumenta. A menor frequência de entradas registou-se no nível A quer em complexos verbais (1.7%) quer em construções com um verbo (7.1%) e a maior deu-se no nível D quer em complexos verbais (8.9%) quer em construções com um verbo (33.9%). O gráfico que segue, ilustra da melhor forma esta distribuição:



Neste gráfico, nota-se igualmente que informantes alojam mais os clíticos pronominais em estruturas com um verbo do que em complexos verbais, em todos os níveis.

### 3.3. Funções sintáticas do morfema relativo e o tipo de clítico pronominal

Nesta parte, procuraremos fazer o cruzamento entre as funções sintáticas dos constituintes relativos e os clíticos pronominais que ocorrem quer em estruturas simples quer em complexos verbais. A tabela 3, que se segue, ilustra essa relação:

**Tabela 3: cruzamento entre as funções sintáticas do morfema relativo e o tipo de clítico pronominal**

Escolaridade	Função sintac. do relativizador do relativ.	Forma do relativizador	Tipo de clítico pronominal	Com um verbo		Complexo verbal		TOTAL
				n	%	N	%	
<b>A</b>	Suj.	que	te, me	5	4.4	1	0,8	6
	Od.	que		3	2.6	1	0.8	4
	Suj.	que	se	0	0	2	1.7	2
<b>B</b>	Obl.	a que	se	1	0.8	0	0	1
	Od.	que	me, se	3	2.6	0	0	3
<b>C</b>	Adj.	em que	se	1	0.8	1	0.8	2
	Suj.	que	se me, lhe, te, se, o, nos	18	16	3	2.6	21
		quem	lo	0	0	1	0.8	1
	Obl.	que	se	0	0	1	0.8	1
		onde	se	2	1.7	0	0	2

D								
Od	que	se	5	4.4	0	0	5	
Adv.	em que	Se	2	1.7	0	0	2	
Suj.	que	me, lhe, te, nos, se	27	24	6	5.3	33	
	cujo	se	1	0.8	0	0	1	
Obl.	que	se me, nos,	1	0.8	0	0	1	
Od	que	te	5	4.4	3	2.6	8	
		se						
Gen.	que		1	0.8	0	0	1	

Registamos 20 (17.8%) entradas cujo constituinte relativo desempenha a função sintática de complemento direto. Atestaram-se 16 entradas (14.2%) em frases que envolvem estruturas simples, (cf.14) e 4 (3.5%) entradas em complexos verbais, ( cf. 15).

(14)

- a. as rendas de casa | que | o proprietário da dependência me atribuiu
- b. a oportunidade | que | nos deu

(15)

- a. a recomendação | que | vou te dar a respeito da tua conduta
- b. uma taxa | que | se deve pagar no muscício

Tanto em estruturas simples (cf.14) como em construções que envolvem complexos verbais (cf.15), o clítico hospeda-se em verbos de 3 lugares e o único relativizador que ocorre nestes contextos é o *que*.

A tabela ilustra que foram registradas 7 (6.2%) entradas em que o constituinte relativo desempenha a função de complemento oblíquo. Os relativizadores que ocorrem nestas circunstâncias são *em que*, *de que* e *a que*. Foi apenas assinalado uma entrada em que o clítico pronominal ocorre em complexo verbal, (cf.16) e as restantes construções ocorreram em estruturas simples, (cf.17).

(16). Há carros em | que | não se pode sentar porque não há espaço para isso.

(17)

- a. o hotel em | que | se havia alojado.
- b. sua terra vindo de Malawi, | onde | se refugiara durante longos anos
- c. ter as duas coisas a | que | me referi atrás

Os constituintes relativos que desempenham a função sintática de sujeito nestes informantes são *que*, *quem* e *cujos*. Houve 12 (10.7%) entradas em que os relativizadores ocorrem em situações em que a estrutura verbal envolve um complexo verbal, (cf.18). Nas restantes 50 (44.6%) entradas, o relativizador ocorre em estruturas simples, (cf.19).

(18)

- a. deixados pela guerra civil | que | se fez sentir.
- b. uma gramática | que | irá se instalar por volta dos 6 anos
- c. É ela | quem | deve acompanhá-lo

(19)

- a. coisas lindas | que | nos deixam bem
- b. é a língua | que | nos faz homens
- c. As aulas assistidas foram da disciplina de Português, | cujas | deram-se lugar na turma

O morfema *cujos*, no PE (cf.19c), não desempenha a função de sujeito, porque está associado a genitivo. Nestes informantes, ele aparece a saturar esta função, o que pode ser indício de uma inovação no Português contemporâneo e sobretudo no PM.

No que se refere aos relativizadores que desempenham a função sintática de adjunto adverbial, basicamente ocorrem dois, nomeadamente o morfema *onde* e a locução pronominal *em que*. No presente *corpus*, houve 10 entradas (8.9%), das quais 9 (8%) ocorreram em estruturas simples, (cf.20) e 1 (0.8%) em complexos verbais, (cf.21).

As estruturas frásicas simples nas quais o relativizador desempenha a função sintática de adjunto adverbial são como as que se seguem em (20):

(20)

nos dias em | que | a cidade de Quelimane se recentia da crise de combustível  
na altura em | que | se faz todos esforços  
Nelito Vasco nos anos em | que | se tinha alguma esperança de bonança.  
em qualquer lugar | onde | se preze a existência humana

(21)

Em síntese é na escola | onde | deverá se ensinar

Em tese, os constituintes relativos que ocorrem em frases que envolvem o clítico pronominal desempenham a função sintática de sujeito, complemento direto, complemento oblíquo, genitivo e adjunto adverbial. Passamos, a seguir, a analisar a função dos pronomes clíticos patententes no subcorpus.

### 3.4. As funções sintáticas dos pronomes clíticos

Nesta seção, procuramos analisar as funções sintáticas associadas aos clíticos pronominais usados pelos informantes em construções relativas restritivas. A tabela 4, que se segue, ilustra essa distribuição:

**Tabela 4: Entradas gerais em relativas com verbo simples e em complexos verbais**

Escolaridade	Função sintática	Verbos simples		Complexos verbais		TOTAL	
		n	%	n	%	n	%
A	OD	7	6.2	2	1.7	9	8
	OI	2	1.7	0	0	2	1.7
	Passiva	0	0	0	0	0	0
B	OD	10	8.9	2	1.7	12	10.7
	OI	0	0	0	0	0	0
	Passiva	3	2.6	0	0	3	2.6
C	OD	25	22.3	6	5.3	31	27.6
	OI	3	2.6	0	0	3	2.6
	Passiva	4	3.5	0	0	4	2.6
D	OD	35	31.2	6	5.3	41	36.6
	OI	3	2.7	4	3.5	7	6.2
	Passiva	0	0	0	0	0	0
TOTAL		92	82.1	20	17.8	112	100

A tabela 4 ilustra que a maior frequência de funções sintáticas é de OD, sendo que no nível A é de (8%), no nível B é de (10.7%), no nível C é de (27.6%) e no nível D é (36.6%). As relativas restritivas com clítico que desempenha a função de OD são construções como as que se seguem em (22):

(22)

- a. existem atitudes | que | levam-nos
- b. gostamos coisas lindas | que | nos deixam

Em (22), nota-se que o pronome clítico está hospedado numa posição reservada ao argumento interno do verbo, desempenhando a função de complemento direto.

A menor frequência deu-se com a função de passiva. É importante, aqui, recuperar a noção de que essa função está associada ao clítico *se* que, nestas circunstâncias, não é, em si, um argumento do verbo, mas é uma partícula que transforma a frase activa em passiva, como em (23):

(23). a situação | que | se vivia no aparelho

Na frase em (23), percebe-se que o pronome *se* não é argumento interno do verbo *viver*, já que este predicado ocorre apenas com um argumento externo.

No *corpus* ocorreram igualmente construções relativas em que o clítico pronominal desempenha a função de complemento indireto, como em (24):

(24)

- a. O conselho | que | ti dou
- b. própria condição económica do jovem | que | , não permite-lhe
- c. características | que | lhe possibilitam o uso da língua.

Todos os verbos em (24) são de 3 lugares, o que nos leva a pensar que os clíticos com a função de complemento indireto ocorrem neste tipo de predicados.

### 3.5. A colocação de clíticos pronominais em complexos verbais

Nesta seção, trataremos de clíticos pronominais em complexos verbais. Analisaremos como os informantes usam estas morfemas na posição proclítica (cf. 3.5.1), proclítica ao verbo principal (cf. 3.5.2) e por fim na posição enclítica (cf.3.5.3). Neste trabalho, chamamos posição proclítica ao verbo principal o alojamento do clítico, em complexos verbais, numa posição que não se pode considerar nem enclítica ao verbo auxiliar, nem proclítica ao complexo verbal. Wache (2018), Mapasse (2005) e Gonçalves (1996) chamam posição duvidosa. A tabela 5 ilustra a distribuição das entradas dos clíticos pronominais em complexos verbais:

**Tabela 5: colocação de clíticos pronominais em complexos verbais**

Escolaridade	próclise		ênclise		próclise ao verbo principal		TOTAL
	n	%	n	%	n	%	
A	0	0	1	0.8	1	0.8	2
B	0	0	0	0	2	1.7	2
C	4	3.5	1	0.8	1	0.8	6
D	7	6.2	0	0	3	1.6	10
<b>TOTAL</b>	11	9.8	2	1.7	7	5.3	20

A tabela ilustra 5 ilustra que os informantes do nível A e nível B não construíram frases em que o clítico se alojou na posição proclítica ao complexo verbal. Tal colocação ocorre tardiamente sobretudo com informantes do nível C e D. Todos os informantes construíram frases em que alojaram o clítico pronominal na posição proclítica ao verbo principal.

Estes dados revelam que a escola desempenha um papel fundamental na aquisição da regra de próclise ao complexo verbal, uma vez que este tipo de colocação apenas ocorre com informantes com a formação superior.

### 3.5.1. A próclise em complexos verbais

Sabe-se que, por via de regra, em construções de subordinação, o clítico pronominal, em complexos verbais, ocorre na posição proclítica ao complexo verbal, embora esta regra não seja rígida, por haver condições que permitem igualmente que ocorra a ênclise. Barbosa (2011, p. 49) explica que “este fenómeno de variação entre a ênclise e a próclise na presença de elementos “proclisadores” sempre existiu na língua portuguesa”.

As construções relativas restritivas que se seguem em (25) ilustram como os informantes colocaram os clíticos na posição proclítica neste tipo de construções:

(25)

- a. um certificado do nível superior | que | lhe vai dar emprego
- b. O Esforço | que | se tem feito anivel do governo
- c. armas brancas pelos malfeitores | que | se fazem sentir na calada da noite.
- d. A minha infância remonta de 1980 ano em | que | me vi nascer
- e. vestígios deixados pela guerra civil | que | se fez sentir.
- f. explicou o hotel em | que | se havia alojado.

g. estipular uma taxa | que | se deve pagar no muscício

Todas as construções em (25) são acolhidas pela norma do Português (PE) contemporâneo, não havendo, por isso, diferenças assinaláveis entre a variedade do PM e a do PE. O proclisador, neste tipo de construções, é exclusivamente o morfema *que*.

A próclise ocorre geralmente com o verbos principais de dois lugares, como os que estão patentes em (25 b, c, e). Neste tipo de construções, tanto o verbo pleno como o auxiliar exigem o mesmo tipo de argumento, que pode ser pronominalizado pelo mesmo tipo de clítico.

A hipótese que levantamos é a de que o clítico, nestas circunstâncias, aloja-se no verbo auxiliar. Em estruturas em que o complexo verbal é composto por um verbo intransitivo, parece-nos que é mais evidente a possibilidade de o auxiliar ser o principal hospedeiro de clíticos pronominais na posição proclítica, em complexos verbais. A estrutura em (25d), por exemplo, em que o complexo verbal é composto por um verbo pleno intransitivo (*nascer*) e um auxiliar transitivo (*ver*), é evidência desse nosso posicionamento. Nesta estrutura, o clítico nunca poderia ser exigido pelo verbo *nascer*, uma vez que este verbo não seleciona um argumento interno pronominalizável por *me*. Por outras palavras, estamos, aqui, a tentar dizer que se a frase em (25d) ocorresse sem o proclisador, não seria natural uma estrutura como a se segue em (26):

(26). Viu *nascer-me*

uma vez que o verbo *nascer* possui fortes restrições de *hospedar* o clítico pronominal nestas circunstâncias.

Embora não tenha ocorrido em número considerável, a próclise ocorre igualmente em contextos em que o verbo auxiliar não é modal e o verbo pleno é de três lugares, (cf. 25a). Neste caso, o clítico aloja-se no verbo principal e passa pelo fenómeno de subida do clítico. Ocorre igualmente a próclise em locuções verbais compostos por um verbo auxiliar modal e um verbo principal no infinitivo (cf.25g).

### 3.5.2. A posição proclítica ao verbo principal em complexos verbais

Como dissemos, os informantes, para além de alojar os clíticos pronominais na posição proclítica e na enclítica, colocaram-nos igualmente numa posição proclítica ao verbo principal, em complexos verbais. As construções relativas restritivas que se seguem ilustram esse fenómeno:

(27)

- a. a recomendação | que | vou te dar a respeito da tua conduta
- b. uma gramática | que | irá se instalar por volta dos 6 anos
- c. um assunto | que | vem se alastrando desde do tempo colonial para cá.
- d. a minha família | que | venha me visitar

Em (27) percebe-se que os informantes não alojam o pronome clítico nem na posição proclítica ao complexo verbal nem enclítica ao verbo auxiliar e nem enclítica ao verbo pleno, mas na posição proclítica ao verbo principal da locução verbal.

Uma das características deste tipo de construções é a de que o auxiliar é sempre um verbo que, por via de regra, não ocorre com um argumento interno e pertence ao subgrupo de verbos de movimento (ir e vir). Em nosso entender, esta forte restrição de os verbos auxiliares (ir e vir)<sup>5</sup> não ocorrerem com clíticos argumentais, pode estar na origem de os informantes não alojar o clítico na posição proclítica ao complexo verbal, como era de esperar. E como recuso, eles evitam a subida do clítico, alojando-o na posição proclítica ao verbo principal.

Esta hipótese, apesar de nos parecer consistente cientificamente, para o caso de construções relativas restritivas, os dados de Mapasse (2005), (cf.(28)) e César (2014), (cf. (29)), no PM, em construções que envolvem ou não, necessariamente, um proclisador, ilustram que a colocação do clítico na posição proclítica ao verbo principal pode ocorrer com outros verbos auxiliares:

(28)

- a. ajuda que eles têm me dado (T30 L8 1c RE B2 )
- b. Nos últimos anos tem se verificado problemas sérios. (T5 L2 4b RE B5)
- c. Só que também tem se colocado ou existe... (T198 L7 4d RE M40)
- d. Indivíduos financeiramente débeis são lhes tirado o direito de ... (246 L24 2b RE M50)
- e. salário que recebo é me descontado 34,0 %. (T323 L7 2b RE S65)

---

<sup>5</sup> Estes verbos podem ocorrer com clítico, em construções como em : *vou-me embora*, mas o clítico, nestas circunstâncias, não é argumento do verbo *ir*.

- f. Foi me constado que Maputo é outra cidade mais complexa nos trânsitos<sup>18</sup> (T338 a. L15 5b RE S68)
- g. já estava se acostumando a grossa. ( T1 L21 4a RE B1 )
- h. A pequena equipe foi se desenbaraçando (T77 L28 1b RE B28)
- i. Como venho me referindo dos meus estudos (T369 L36 2a RE S75 )
- j. ou um homem saiem se prostituindo por qualquer lugar (T9 L3 4d RE B 9)
- k. Não querendo se dedicar aos estudos (T52 L11 3c RE B7 )
- l. só os jovens devemos nos precaver desses males (T25 L35 4c RE B25 )
- m. e em seguida vou me deitar. (T73 L14 3c RE B13 )
- n. certos tempos que podes nos ajudar (T200 L23 1c RE M41 )
- o. porque lá consegue se manifestar segundo a sua.... (T174 L12 5 a RE M35)
- p. falar dos estudos quero me referir o processo de ... (T369 L9 2 a RE S 75)
- q. o trabalho preferem ir se divertir para mais tarde... (T28 L13 3c RE B1)

(29)

Eu disse não vou te duer PS/ ESM/24/83

c) Onde é que vivo para estar a lhe ajudar JG/ ESM/115/107

d) Eles também querem nos ver felizes NF/ ESM/157/39

e) ele conseguiu nos dar pouco dos ele tem FS/ ESM/169/36

f) . Meu pai mandou me chamar TB/ ESM/208/52

g) Deve se abster dentro da família AA/UPN/292/33

h) Logo deve se realizar o aborto ER/UPN/276/16

O alojamento de clíticos pronominais na posição proclítica ao verbo principal não é, em si, um fenómeno isolado do PM, pois ocorre igualmente em outras variedades do Português, tanto em construções relativas restritivas como em outras construções que envolvem complexos verbais, como atestam os dados de Pagotto (1993), Cyrino (1993) no Português brasileiro (PB) e Mutali (2019) no Português Angolano (PA). Isto significa que é uma estratégia que sincronicamente está em marcha no Português contemporâneo, justificando-se, deste modo, a sua ocorrência generalizada nestas variedades.

Pelo que parece, quer pela frequência e pela consistência da sua ocorrência, quer ainda pelo fato de estar a ocorrer em outras variedades do Português, a colocação dos clíticos na posição proclítica ao verbo principal, em complexos verbais, no Português

contemporâneo, mostra-se ser uma regra suficientemente robusta que se configura interiorizada nos falantes do Português contemporâneo nestas variedades. Este fenómeno conduz-nos a levantar a hipótese de que a próclise ao complexo verbal provavelmente não seja, por si, natural neste tipo de construções, mas uma regra aprendida na escola, sobretudo em composições escritas, pois, na oralidade, provavelmente seja difícil de determinar o local exato de alojamento do clítico, fato que fez com que Gonçalves (1996), Mapasse (2005), Wache (2018) designasse este tipo de colocação de clíticos ‘casos duvidosos’.

### 3.6. A ênclise em complexos verbais

Nesta seção, procuramos analisar a colocação de clíticos pronominais na posição enclítica nas construções relativas restritivas em complexos verbais, como as que exibem em (30):

(30)

- a. As férias são muito divertidas para aquele | que | sabe aproveitá-las,
- b. É ela | quem | deve acompanhá-los sujeito

Não houve um número considerável de entradas em relativas restritivas em que o pronome clítico se alojou na posição enclítica. A gramática luso-brasileira reconhece que neste tipo de construções em que o verbo principal está no infinitivo, mesmo que haja proclisadores, geralmente ocorre ênclise. Estamos, assim, a afirmar que os nossos informantes, neste tipo de construções, igualmente não fogem à regra geral de colocação deste tipo de pronomes. Portanto, a ênclise, em construções de relativização, em perífrases verbais, ocorre em condições convergentes ao PE.

Em tese, nestes informantes, de uma forma geral, em construções relativas restritivas, conserva-se a ordem de colocação de clíticos pronominais em complexos verbais, tanto na posição proclítica como na posição enclítica. O único fenómeno estranho ao PE é o de alojamento de clíticos pronominais na posição proclítica ao verbo principal, apesar de sincronicamente estar a ser atestado igualmente nas variedades do PB e PA.

#### 3.6.1. A colocação de clíticos pronominais em estruturas simples

Nesta seção, discute-se a colocação de clíticos pronominais em construções relativas restritivas com estruturas simples. Trataremos primeiro da próclise (cf.3.6.1), depois da ênclise (cf. 3.6.2). Recorde-se que este tipo de construções são as que mais entradas forneceram ao presente subcorpus. A tabela 6 que se segue ilustra a distribuição de clíticos na posição proclítica e enclítica nestes informantes:

**Tabela 6: colocação de clíticos pronominais estruturas simples**

Escolaridade	próclise		ênclise		TOTAL	
	n	%	n	%		
<b>A</b>	9	8	0	0	9	8
<b>B</b>	11	9.8	2	1.7	13	11.6
<b>C</b>	31	27.6	0	0	21	18.7
<b>D</b>	34	30.3	4	3.5	38	33.9
<b>TOTAL</b>	85	75.8	6	5.3	91	81.2

A tabela 6 ilustra que as entradas foram evoluindo à medida que o nível de escolaridade foi aumentando. A menor frequência de entradas deu-se no nível A (8%) e a maior no nível D, (33.9%). Neste tipo de frases, nota-se claramente que a próclise, como é de se esperar, é a posição de colocação de clíticos predominante, com (75.8%) de frequência contra (5.3%) da frequência da ênclise, a qual, em estruturas de relativização é, em princípio, estranha ao PE. Como se pode facilmente notar, podemos afirmar que estes informantes conservam as regras de colocação pronominal neste tipo de construções. Passamos, a seguir, a analisar como foram sendo colocados os clíticos pronominais na posição proclítica e enclítica, pelos informantes.

### 3.6.2. A próclise em estruturas simples

Nesta subseção, vamos procurar analisar os contextos em que ocorreu a próclise. Recorde-se que, em construções de relativização, a gramática luso-brasileira recomenda que a próclise seja o padrão de colocação de clíticos pronominais em estruturas simples. Atente-se às construções que se seguem, em (31):

(31)

- a. E O conselho | que | ti dou
- b. são gerações | que | se perdem
- c. as constantes mortes | que | se verificam
- d. características | que | lhe possibilitam o uso da língua

- e. a situação | que | se vivia no aparelho
- f. o casamento, | onde | os noivos se conheciam
- g. o aborto acarreta custos elevados de | quem | o pratica

como se pode notar, em todas as construções em (31) o pronome clítico está alojado na posição proclítica, tal como prevê o PE, nestas circunstâncias. Os morfemas\_Q que ocorrem nestas construções são *que* (cf. a,b,c,d,e,f), *quem* (cf.31 h) e *onde* (cf.31.g).

### 3.6.3. A ênclise em estruturas simples

Procuraremos analisar as circunstâncias em que se dá a ênclise em construções relativas restritivas, nas quais, por via de regra, em construções com um único verbo, a próclise, no PE, é tida como sendo legítima. A frequência deste tipo de colocação no presente *corpus* não é significativa, pois é apenas de (5.3%). Atente-se às construções que seguem em (32):

(32)

- a. um apagão | que | registou-se a nível de toda zona norte
- b. não ter | quem | trata-la
- c. disciplina de Português, | cujas | deram-se lugar na turma

Nas construções em (32), o clítico pronominal alojou-se na posição enclítica, em contextos que não são totalmente estranhos ao PE. A colocação enclítica em construções com proclisadores e em construções relativas, mais uma vez, não é um fenómeno exclusivo do PM. Ribeiro (2010) explica que no Português contemporâneo, quer no PB, (cf. (33) quer no PE, (cf.34)) atesta-se a ênclise em construções com proclisadores, incluindo em estrutura de relativização, como as que se depreendem a seguir:

(33)

- a. É a garota que apaixonou-se por você (escrita universitária)<sup>6</sup>
- b. Fiquei feliz quando ligaram-me (dado de fala)

---

<sup>6</sup> Exemplos de Ribeiro (2010)

c. A situação é tão grave que corre-se o risco de o País perder a sua própria identidade (A Tarde, 18/11/00, p. 3 – Gerson dos Santos)

(34)

3. a) Acho que ao João, a Maria ofereceu-*lhe* um livro<sup>7</sup>

b) Disseram-me que embora tivesse sido difícil, concederam-*lhe* a bolsa

d) O João disse que a Maria deu-*lhe* um beijo

e) Nas minhas haverá tanta diligência, que pelo menos desculpe-*me* os meus desconcertos (F.M. de Melo)

f) e assim se detiveram até chegar o esquadrão, que remetendo com aquele cardume, desbarataram-*no* logo, recolhendo aqueles dous valorosos soldados.” (Diogo do Couto)

g) Não vê, que se não tem amor a outrem, tem-*no* a si; (Matias Aires)

Vigário & Frota (1998) explicam a ocorrência da ênclise em construções com proclisadores recorrendo a questões prosódicas. Lopes (2010), fazendo referência às autoras, refere que a ênclise ocorre sempre que houver um elemento pesado, ou uma expressão parentética, ou um tópico, entre o proclisador e o pronome clítico. O que esses elementos têm em comum, é que eles formam um sintagma entoacional, o que se configura como uma fronteira entre o clítico e o proclisador.

A hipótese que levantamos neste artigo, em face dos fenómenos descritos em (32), que possa explicar a ocorrência da ênclise naquele contexto, é a de que existe uma outra regra que governa a colocação de clíticos em construções relativas restritivas, para além da descrita pelos autores. Os nossos dados revelam que a ênclise, em construções de relativas restritivas, ocorre, sempre, que o constituinte relativo desempenha a função de sujeito frásico. Em nosso entender, neste caso, há uma reanálise do constituinte relativo, o qual é interpretado como um DP/NP e não como um especificador, fato que leva a que tal constituinte se dispa dos traços inerentes responsáveis por desencadear a próclise neste contextos. Essa interpretação leva a que a estrutura relativa se aproxime a uma frase declarativa, na qual o pronome clítico, por via de regra, se realiza na posição enclítica, no PE.

---

<sup>7</sup> Os exemplos são de Lopes (2010) e de Frota e Vigário (1996) extraídos em Ribeiro (2010)

Em estudos diacrônicos da sintaxe generativa, a ideia de que o constituinte relativo é um DP/NP, que é transformado por aplicação de regras, não seria totalmente estranha, embora, na sua generalidade, não se tenha mostrado suficientemente robusta para explicar a complexidade de como um DP/NP se transformava em um morfema relativo, (cf. Kenedy, 2003). Mas na análise *matching*, muito recentemente, de uma forma tímida, esta ideia, em parte, voltaria a ganhar forma, para explicar o processo de relativização, ao se considerar que o pronome relativo é um determinante, que seleciona um NP que é sujeito a apagamento sob identidade com o NP que constitui o núcleo externo da oração relativa, (cf. Wache, 2023).

Resumindo, há registo de ocorrência de ênclise em construções de subordinação em todas as variedades do Português quer diacrónica quer sincronicamente, sem que por essa via constitua uma regra, uma vez que a sua ocorrência é sempre bastante insignificante e condicionada. No Português antigo, (cf. Martins 1994), Ribeiro (1995), (2010)), nas variedades do PE e PB, foram atestadas entradas de ênclise em construções de subordinação. No Português contemporâneo, o fenómeno regista-se, para além do PM, no PE, PB e no PA. Em todos esses casos, a ocorrência de ênclise, neste tipo de construções, continua a ser bastante fraca em relação à próclise. Os dados em nossa posse não nos dão a legitimidade de afirmarmos que a ênclise em construções relativas restritivas com um verbo seja tido como padrão, nesta variedade, pelos motivos que acima arrolamos.

## **Conclusão**

Procuramos, neste artigo, explorar o comportamento dos clíticos pronominais em construções relativas restritivas no Português escrito em Moçambique. Em tese, podemos afirmar que, apesar de haver estudos que mostram que a ênclise é a posição preferida pelos moçambicanos em construções relativas, neste estudo, não encontramos evidências que possam sustentar essa tese. Pelo contrário, os nossos dados evidenciam que a próclise, tal como acontece no PE, neste tipo de construções, continua a ser o padrão mais predominante.

Entretanto, verificamos que ocorre a ênclise, em estruturas com um verbo, em contextos que não são totalmente estranhos ao PE. Neste trabalho, defendemos a ideia de que a ênclise, nestes contextos, ocorre sempre que o pronome relativo desempenha a

função de sujeito frásico. Em nosso entender, neste caso, há uma reanálise do constituinte relativo, o qual é interpretado como um DP/NP e não como um especificador, fato que leva a que tal constituinte se dispa dos traços inerentes responsáveis por desencadear a próclise. Essa interpretação leva a que a estrutura relativa se aproxime a uma frase declarativa, na qual o pronome clítico, por via de regra, se realiza na posição enclítica, no PE.

Em construções relativas restritivas que ocorrem com complexos verbais em que o auxiliar é um verbo de movimento, o qual, por via de regra não aloja o clítico, não se regista nem a próclise ao complexo verbal nem a ênclise. Como recuso, os informantes alojam o clítico na posição proclítica ao verbo principal, evitando, deste modo, a subida de clítico.

Um estudo interessante e complementar deveria ser feito em orações relativas explicativas, afim de se ter uma noção completa sobre a colocação de clíticos pronominais em construções relativas nesta variedade do Português.

## Referências

- BARBOSA, P. A Colocação dos Pronomes Átonos em Orações Infinitivas no Português Europeu. Braga: Diacrítica, 2011
- BENINCÀ, P. Complement Clitics in Medieval Romance: the Tobler-Mussafia law. In: Batty, A.; Roberts, I. (ed.). *Clause structure and language change*. New York: Oxford, (1995)
- CÉSAR, G. E. O Uso de Pronomes Clíticos em Textos de Ensino Secundário e Universitário em Nampula: Universidade de Aveiro, Dissertação de Mestrado, (2014). .
- CYRINO, S. M. L. Observações sobre a Mudança Diacrônica no Português do Brasil: *objecto nulo e clíticos*. In I. Roberts & M. A . Kato (orgs.), (1993) 163-184.
- FARIA, I. H. *et al.* Introdução à Linguística Geral e Portuguesa. Lisboa: Caminho, (1996).
- GONÇALVES, P. Português de Moçambique: Uma Variedade em formação. Maputo: Livraria Universitária e Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane, (1996a). .
- GONÇALVES, P. Aspectos da Sintaxe do Português de Moçambique. In Faria, I., Pedro, F., Duarte, I. & Gouveia, C. (Orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (pp. 313-322). Lisboa: Editorial Caminho, (1996b)..

- KENEDY, E. *Aspectos estruturais da relativização em Português: uma análise baseada no modelo raising*. RJ: UFRJ. Dissertação de Mestrado, (2002)..
- LOPES, A. L. A. *A ênclise em orações dependentes na história do Português Europeu*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, (2010). .
- MAPASSE, E. Clíticos Pronominais em Português de Moçambique. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, (2005). .
- MARTINS, A. M. História dos Clíticos no Português. Ph.D. thesis - Universidade de Lisboa. Lisboa, (1994).
- MARTINS, A. M. *Posição dos Pronomes Pessoais Clíticos*. In RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva, NASCIMENTO, MARIA, Fernanda Bacelar; MOTA, Maria António Coelho; SEGURA, Luísa; MENDES, Amália (Orgs) *Gramática do Português* (pp. 2231-2301). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (2013).
- MATEUS, M. H. M., et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Caminho, (2003).. .
- MUTALI, H. S *Colocação de Pronomes Clíticos no Português Angolando Escrito*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, (2019). .
- PAGOTTO, E. Clíticos, mudança e seleção natural. In I. Roberts & M. Kato (orgs.), (1993).., 185-206.
- RIBEIRO, I. A Sintaxe do Português Arcaico; o efeito V2. Tese - Instituto da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, (1995)..
- RIBEIRO, I. Sobre os Usos da Ênclise nas Estruturas Subordinadas no Português Arcaico. VI Congresso Internacional da ABRALIN. João Pessoa, (2010) .
- VIGÁRIO, M., FROTA, S Between Sytnax and Phonology: On Phrasal Wegiht Effects in European Portuguese. Paper given at 8th Colloquim on Generative Grammar, Palmela, (1998)“
- WACHE, F. M. O Português em (de) Moçambique: áreas de ruptura. 1ed. Tete, Desig, (2018).
- WACHE, F. M. A. *As Construções de relativização no Português de Moçambique*. Tese de Doutoramento, Universidade de Minho, (2023).